Em um desfecho que altera profundamente o cenário político do Oriente Médio, o governo russo anunciou que Bashar al-Assad, presidente da Síria desde 2000, renunciou ao cargo e deixou o país. A declaração, emitida pelo Ministério das Relações Exteriores da Rússia, indica que Assad tomou a decisão após negociações com diversas facções envolvidas no conflito sírio, instruindo uma transição pacífica de poder. No entanto, detalhes sobre seu destino atual permanecem desconhecidos.

A queda do regime de Assad ocorre após uma ofensiva relâmpago de forças rebeldes, lideradas pelo grupo islamista Hayat Tahrir al-Sham (HTS), que culminou na captura de Damasco. Este avanço marca o fim de mais de cinco décadas de domínio da família Assad na Síria, iniciadas com Hafez al-Assad em 1971.

A ofensiva rebelde, que começou com a tomada de cidades estratégicas como Aleppo e Homs, encontrou pouca resistência das forças governamentais, evidenciando a fragilidade do regime. Relatos indicam que Assad teria deixado Damasco em um voo para destino desconhecido, com especulações sobre possível refúgio na Rússia ou nos Emirados Árabes Unidos.

A Rússia, aliada histórica de Assad, mantém duas bases militares na Síria: a aérea de Hmeimim, na província de Latakia, e a naval em Tartus, no litoral mediterrâneo. O Ministério das Relações Exteriores russo afirmou que ambas as instalações estão em estado de alerta máximo, mas não enfrentam ameaças imediatas. Moscou enfatizou a necessidade de soluções políticas e a segurança de seus cidadãos na Síria.

A comunidade internacional reagiu de forma variada à queda de Assad. O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, destacou as implicações para a estabilidade regional, enquanto o presidente eleito, Donald Trump, mencionou a diminuição da influência russa e iraniana na região. O presidente francês, Emmanuel Macron, celebrou o fim do “estado bárbaro” e expressou votos de paz e unidade para o povo sírio.

A renúncia de Bashar al-Assad representa um ponto de inflexão na história contemporânea da Síria, encerrando um período marcado por guerra civil, repressão e crises humanitárias. O futuro político do país permanece incerto, com desafios significativos na reconstrução e na

busca por uma governança inclusiva e estável.